Dia 11 — São Tarac, Probo e Andrônico, Mártires

Martirológio Romano

O martírio dos santos mártires Tarac, Probo e Andrônico, em Tarso da Cilícia; os quais, na perseguição de Diocleciano, afligidos longo tempo entre a imundície do cárcere e provados até três vezes com diversos tormentos, por último, sendo degolados, confessando a Cristo, alcançaram a coroa do glorioso martírio. (Veja-se sua história hoje.)

O suplício dos santos mártires Nicásio, bispo de Ruão, Quirino, presbítero, Escubículo, diácono, e Pientia, virgem, numa aldeia do Vexin; sentenciados à morte pelo presidente Fescenino. (São Nicásio foi bispo de Ruão e, entre a multidão de pessoas que converteu à religião cristã, uma das notáveis foi Santa Pientia, virgem francesa de gloriosa memória. Quirino, presbítero, e Escubículo, diácono, ambos auxiliaram eficazmente a São Nicásio em suas tarefas apostólicas, e crê-se que os três foram os fundadores da Igreja de Ruão e que morreram entre o segundo e o terceiro século do cristianismo numa aldeia do Vexin. Seus sagrados restos foram sepultados pelos Cristãos numa gruta, na qual, encontrando os gentios certo dia a Santa Pientia, a degolaram.)

O suplício dos santos mártires Anastásio, presbítero, Plácido, Genésio e seus companheiros, igualmente.

São Sarmata, discípulo de Santo Antão, abade, na Tebaida; a quem, por confessar a Jesus Cristo, mataram os sarracenos (no ano vinte e dois do império de Constantino o Grande, segundo diz São Jerônimo).

São Germano, bispo e mártir, em Besançon, nas Gálias.

São Firmino, bispo e confessor, em Uzès, no Languedoc. (À idade de vinte e dois anos sucedeu na cadeira de Uzès a um tio seu que o havia educado, pelo unânime sufrágio do povo e do clero. A prudência e sabedoria que mostrou acreditaram muito bem que a eleição havia sido inspirada por Deus. Assistiu aos concílios IV e V de Orleans, celebrados nos anos 541 e 549, e ao de Paris em 551, e sua reputação aumentava extraordinariamente à medida que se lhe apresentavam ocasiões para defender os interesses da Igreja. Morreu santamente pelos anos de 553, à idade de trinta e sete.) São Canico, abade, na Escócia.

A ditosa morte de São Gomário, confessor, em Lier, em Brabante. (Seus pais eram parentes do rei Pepino. Tendo contraído matrimônio com uma dama de qualidade, mas de condição perversa, extravagante e caprichosa, toda a sua vida foi uma contínua provação em tribulações. Recebeu o prêmio de sua paciência em 774. O lugar de que era senhor chamava-se então Nivesdone, depois Ledon e agora Lier; e pela devoção das gentes a este Santo chegou a formar-se em cidade considerável.)

Santo Emiliano ou Millán, confessor, em Rennes, na França. (Conta-se deste Santo, dedicado à oração e ao socorro dos pobres, que, à semelhança do divino Salvador, alimentou um dia a todo um gentio numerosíssimo com muito escassas provisões.)

As santas mulheres Zenaida e Filonila, irmãs, parentas e discípulas na fé do apóstolo São Paulo, em Tarso da Cilícia.

Santa Plácida ou Placídia, virgem, em Verona. (Nasceu nesta cidade e foi irmã do bispo São Leôncio. Tendo consagrado sua integridade a Jesus Cristo, retirou-se a uma solidão onde viveu muitos anos esclarecida em virtudes e milagres, até seu ditoso trânsito, em que se viu rodeada de coros de Anjos que acompanharam sua alma à morada de Deus.)

São Tarac, Probo e Andrônico, Mártires

São Tarac foi romano, isto é, gozava direitos e privilégios de cidadão romano. Nasceu em Claudiópolis da Isáuria e foi filho de um militar. Era de setenta e cinco anos de idade e havia servido nos exércitos dos Imperadores com o nome de Vítor; mas, fazendo-se cristão, deixou o serviço, pedindo licença a seu capitão, que se chamava Políbio.

Probo, de menos idade que Tarac, ainda que era originário da província da Trácia, nasceu na de Panfília e, sem embargo de ser de família humilde e plebeia, era homem rico; mas tudo deixou por dedicar-se unicamente ao serviço de Deus.

Andrônico foi de nascimento mais ilustre; devia-o a uma das casas mais qualificadas da cidade de Éfeso; era jovem, bem disposto e de muito espírito. Não se sabe por que casualidade ou aventura os juntou a todos três a divina Providência; só se sabe que pelos anos 304, pouco depois que se publicaram os editos dos imperadores Diocleciano e Maximiano contra os Cristãos, dois arqueiros ou dois meirinhos, chamados Eutolmio e Paládio, apresentaram a Máximo, governador da Cilícia, aqueles três estrangeiros por haverem confessado desde logo que eram cristãos. O Governador deu princípio a seu interrogatório pelo mais velho e perguntou-lhe como se chamava. «Chamo-me cristão», respondeu Tarac. — «Ímpio, replicou Máximo, não te pergunto tua profissão, mas teu nome.» — «Meu nome é cristão, porque o sou», tornou Tarac. Irritado o Governador, mandou descarregar cruéis bofetadas sobre seu venerável rosto, não cessando de exortá-lo a que tivesse

lástima de sua ancianidade e tratasse de render culto aos deuses a quem adoravam os Imperadores. «E porque os Imperadores querem adorar os demônios, respondeu Tarac, tenho de adorá-los eu? Não há no céu nem na terra mais que um só Deus: a este adoro; a sua santa lei me rendo, a guardo e a obedeço.» — «Infeliz e miserável, replicou Máximo, há outra lei que a do Príncipe?» — «E como que há, respondeu o santo Mártir; a lei de Deus, que condena vossa impiedade.» — «Despojem-no dos vestidos, disse colérico o tirano, despedacem-lhe o corpo a açoites para ver se sara de sua loucura.» — «A maior prova do juízo e da cordura dos Cristãos, respondeu Tarac, é sofrer todos os tormentos e a mesma morte por amor de Deus e de seu único Filho Jesus Cristo.» — «Logo tu adoras dois deuses, arguiu-lhe Máximo; e se adoras dois, que razão terás para não adorar os nossos?» — «Não o permita Deus, respondeu o Santo; a um só adoro quando adoro ao Filho, que é em tudo igual e consubstancial a seu Pai. Para conhecer este mistério é mister ser cristão; sem fé nem se pode discorrer nem se pode falar de Deus como se deve.» Indignado o Juiz com tão animosas como desenganadas respostas, mandou que o carregassem de cadeias e o encerrassem num calabouço.

Mandou depois que se apresentasse Probo e em tom colérico lhe disse: «Serás tu tão mentecapto como teu companheiro, que queiras preferir a morte ao amor do Soberano? Como te chamas?» — «O nome com que me honro mais é o de cristão, respondeu o generoso Confessor de Jesus Cristo; para que queres saber outro? O de Probo, que os homens me impuseram, nada significa. Pelo demais dir-te-ei, com tua licença, que não há maior juízo nem maior discrição que conhecer, amar e servir a um só Deus verdadeiro, como nem mais lastimosa loucura nem mais insigne mentecaptice que adorar por deuses uns inanimados ídolos, obras sem espírito que fabricaram as mãos dos homens.» A única resposta do tirano foi mandar que o estendessem sobre o potro e o despedaçassem a açoites com nervos de bois; crueldade que se executou com tanta violência que todo o pavimento ficou coberto de sangue. «Teus ministros, disse o Santo com semblante aprazível e sempre sereno, teus ministros fazem comigo ofício de médicos, os quais sajam para curar; muito agradecido lhes estou pela exatidão e pelo ardor com que obedecem ao que lhes mandas.» Raivoso Máximo pela serenidade que mostrava o santo Mártir, disse-lhe como por mofa: «Lástima é que não esteja aqui presente Deus para que te cure tuas chagas e te dê algum refrigério.» — «Presente e muito presente está, respondeu Probo, do que é boa prova não só a paciência mas o consolo com que sofro minhas dores. Este meu Deus é o que me fortalece, o que me consola, o que me assiste atualmente e o que também me assistirá, se for sua vontade, até o último alento de minha vida.» O tirano, rebentando de cólera e de despeito, mandou que o tirassem do potro, que o carregassem de cadeias, que o encerrassem no calabouço e que o metessem no cepo até os buracos da quarta ordem; espécie de tormento verdadeiramente horrível.

Demétrio, capitão de uma companhia de soldados que estava de guarnição na cidade, apresentou-lhe Andrônico, o terceiro dos santos Mártires, o mais jovem de todos, mas não menos esforçado nem menos ansioso do martírio que seus dois companheiros. Logo que Máximo o viu, sentiu-se inclinado a amá-lo e, movido de compaixão, deu princípio ao interrogatório na fórmula ordinária, perguntando-lhe branda e carinhosamente seu nome, sua qualidade e o lugar de seu nascimento. «Meu nome é Andrônico, respondeu o generoso mancebo, minha pátria Éfeso e minha qualidade muito conhecida naquele numeroso povo; mas o verdadeiro nome, a verdadeira qualidade e a verdadeira nobreza de que unicamente me prezo é de ser cristão.» — «Já vejo, querido meu, replicou o Governador, que esses dois insignes embusteiros que acabo de castigar transtornaram

teu bom juízo com seus feitiços e com seus encantos; mas, filho, não posso crer que um jovem de tão belo entendimento como tu se queira expor a sangue frio e por seu gosto aos mais cruéis tormentos e a uma morte ignominiosa.» — «Se tenho este belo entendimento como supões, respondeu Andrônico, e se não perdi o bom juízo que me atribuis, devo desprezar esses tormentos e até essa ignominiosa morte, que dura poucos instantes, para não incorrer na morte e nos tormentos eternos destinados aos idólatras e aos inimigos do nome cristão.» Não esperava Máximo esta resposta; mas, ainda que interiormente se irritou com ela, dissimulando seu enojo, disse-lhe com brandura: «Perdoo a tua inconsiderada juventude uma resposta tão extravagante; mas, filho, deixemo-nos de palavras, é mister sacrificar neste mesmo ponto aos deuses dos Imperadores, que foram também os deuses de nossos avós; porque não se há de dizer em meus dias (aqui levantou a voz em tom bronco, sanhudo e enfurecido), não se há de dizer em meus dias que uma desditosa seita de miseráveis cristãos venha diante de nossos mesmos olhos a menosprezar os deuses do Império e a pretender que mudemos de religião.» — «Jovem sou, respondeu o Santo modesta e respeitosamente, jovem sou, é verdade; mas tenho a ventura de ser cristão e a fé supre a falta dos anos. Se tu conhecesses como eu a impiedade do paganismo, a impossibilidade de muitos deuses, a verdade, a sabedoria e a santidade da religião cristã, longe de exortar-me a render adorações a uns deuses sem outro ser que o que lhes fingiu a fábula, Máximo, tu mesmo te farias logo cristão.» Converteu-se em furor a ternura do tirano e mandou que, despojando-o ao ponto de seus vestidos, o pendurassem na roldana. Compadecido o capitão Demétrio, quis exortá-lo a que se aproveitasse da inclinação que o Governador lhe professava; mas Andrônico zombou de suas exortações. Achava-se presente certo carcereiro de uma das cadeias, chamado Atanásio e, movido também de lástima, empenhou-se em persuadi-lo a que sacrificasse, valendo-se das razões mais fortes e mais ternas que lhe pôde inspirar a compaixão. «Crê-me, querido meu, dizia-lhe, obedece ao Governador e não te obstines em perder-te; segue meu conselho, pois já vês que pelos anos poderia ser teu pai.» — «Não porque sejas mais velho és mais cordato, respondeu Andrônico, pois me aconselhas que ofereça sacrifícios aos troncos e às pedras em menosprezo do verdadeiro Deus, meu Criador, meu soberano Juiz, e que também o há de ser teu.» Não se atreveu Atanásio a replicar-lhe; mas o Governador mandou aos verdugos que o atormentassem cruelmente nas pernas, onde sempre é mais viva a dor. Com efeito, sentiu-o vivamente o santo Mártir e tanto que, não podendo dissimular, protestou que, ainda que era grande a dor que padecia, a tolerava com gosto pela confiança que tinha na misericórdia e na bondade do Senhor. «Crê-me, filho meu, disse-lhe o Governador por último sinal de compaixão; deixa-te desse capricho, adora desde logo os deuses que adoram os Imperadores, e eu te prometo que em muito breve experimentarás os efeitos de sua benevolência e de seu favor.» — «Respeito, como devo, os Imperadores, respondeu Andrônico; mas detesto e detestarei sempre sua falsa religião, pois lhes ensina a adorar os demônios e a oferecer-lhes sacrifícios.» Mostrou-se Máximo estranhamente irritado com esta última resposta de nosso Santo e mandou aos verdugos que lhe sulcassem os costados com unhas ou com ganchos de aço; que lhe lançassem sal nas chagas e que depois as esfregassem com cacos de ferro velho, ameaçando-o de que cada dia lhe faria padecer novos tormentos. Mostrou então Andrônico mais valor e mais constância que nunca, protestando que, longe de acobardá-lo os tormentos, o alentavam e o fortaleciam mais e mais; e que, tendo colocada toda a sua confiança em só Deus, com igual desprezo tratava suas ameaças que seus suplícios. Era já todo seu corpo uma só chaga; e neste estado mandou o Juiz que lhe lançassem uma grossa cadeia ao pescoço e aos pés e que o encerrassem num escuro calabouço, com ordem expressa de que ninguém entrasse a vê-lo nem a curá-lo, para que, inflamadas e cancerosas as chagas, viesse a apodrecer

vivo.

Passou Máximo da cidade de Tarso à de Mopsuéstia, aonde mandou que o seguissem os três ilustres prisioneiros, com resolução de tentá-los em outro segundo interrogatório e não sem esperança de que o tempo os houvesse feito mais dóceis e os achasse menos constantes. Foi apresentado o primeiro São Tarac, a quem disse o Governador que, havendo-lhe dado aquele tempo para que pensasse melhor o que lhe convinha, não duvidava encontrá-lo agora mais arrimado à razão que na primeira audiência. «Lembra-te de que sou cristão, respondeu-lhe Tarac, e os Cristãos, quanto mais o pensam, mais cristãos são, mais firmes se mantêm e com maior intrepidez desprezam os suplícios.» Mandou o tirano que lhe fizessem pedaços os dentes e as mandíbulas a cruéis golpes de uma dura pedra e que, estendido no potro, o despedaçassem a açoites. «Faze de meu corpo o que quiseres, disse o santo Mártir enquanto durou este suplício. Deus é minha fortaleza e nele espero zombar de teus tormentos.» Abrasaram-lhe as mãos sem que se observasse nele nem o mais leve movimento de impaciência. Penduraram-no pés para cima e cabeça para baixo, caindo esta perpendicularmente sobre um fumo tão espesso como fedorento. «Se zombei de teu fogo, disse então Tarac ao Governador, que caso hei de fazer de teu fumo?» Derramaram sal e vinagre sobre suas chagas; e cansando já a Máximo a heroica constância do invicto Mártir, mandou que o restituíssem ao cárcere, dizendo-lhe que lhe ficava preparando novos e mais atrozes suplícios.

Apresentou-se Probo à segunda audiência com maior desembaraço e até com maior resolução em suas respostas do que havia saído à primeira. Aplicaram-lhe chapas de ferro ardendo a todo o corpo e, sem embargo de que já tinha torrada toda a pele, disse que não era coisa o que aquecia. Despedaçaram suas carnes até que se descobriram os ossos: cansou o generoso Mártir os verdugos e disse ao Juiz que, se não tinha mais tormentos que aqueles, era pouquinha coisa para derrubar a constância dos Cristãos; e que, se queria experimentar até onde chegava o poder de Deus que estes adoravam, era mister que inventasse novos suplícios. Rebentava Máximo de cólera ao ver a burla que faziam os santos Mártires tanto de seus deuses como de seus tormentos; e não sabendo já de que tormento lançar mão, ordenou que lhe raspassem o cabelo a navalha e lhe lançassem carvões acesos sobre a cabeça; suplício que não alterou um ponto a paciência nem a serenidade de Probo, e com isto o restituíram ao cárcere.

Saiu ao tribunal Andrônico e o Juiz quis persuadi-lo de que já enfim seus companheiros se haviam reduzido a sacrificar aos deuses e que agora só atendia a curar-lhes as feridas. Sorriu-se o Santo e respondeu-lhe: «Pois as minhas já estão curadas; e assim não tenho necessidade de oferecer-lhes sacrifício. Aqui me tens pronto a sofrer novos tormentos por amor daquele Senhor que me curou e por cuja glória combateram generosamente meus amados companheiros.» Ficou Máximo estranhamente surpreendido quando o viu de todo são, jurando-lhe o carcereiro que nenhum homem mortal havia chegado a ele; e parecendo preciso ao Santo publicar o verdadeiro autor daquela maravilha, disse-lhe: «Não te admires, senhor, de ver-me são e robusto; esta tem sido obra de meu Deus, aquele médico celestial e todo-poderoso que com só sua palavra nos cura de todos os males quando é sua vontade.» Não se deteve o Governador em aprofundar mais a matéria e disse ao Santo que a Tarac e Probo lhes havia saído cara a teimosia em negar o culto aos deuses imortais e a devida obediência aos Imperadores, e que esperava que Andrônico seria mais cordato, escarmentando em cabeça alheia; e concluiu: «Em suma, de grado ou à força é preciso

obedecer; e se o fizeres de tua boa graça, pouparás muitos tormentos.» — «Em tuas mãos me tens, respondeu o Santo, como vítima disposta a ser sacrificada em holocausto do Deus vivo; acaba o sacrifício quando te parecer.» Já não guardou medidas o tirano à vista da magnanimidade do santo Mártir. Mandou que o amarrassem a quatro paus ou estacas e que nesta postura, entre pendurado e estendido, despedaçassem seu corpo com cruéis açoites de nervos duros de boi e de ramais armados com umas bolas de chumbo. Mostrou-se Andrônico com inalterável tranquilidade; e cansado Máximo de atormentá-lo, ordenou que o restituíssem ao cárcere e o encerrassem no mais profundo calabouço, sem que a ninguém se permitisse falar-lhe nem vê-lo.

De Mopsuéstia transferiu-se o Governador a Anazarbo, aonde mandou que o seguissem também os santos prisioneiros e, quando chegou o dia da audiência pública, fê-los comparecer. Perguntou a Tarac se se mantinha tão feroz e tão indiferente em Anazarbo como havia estado em Tarso e em Mopsuéstia. «Os Cristãos, respondeu-lhe o Santo, não conhecemos a ferocidade; mas pelo que toca à indiferença, equivocas-te muito: longe de olhar eu com ela os tormentos, nenhuma coisa desejo com maior ânsia que padecer muitos por amor de Deus e pela glória de seu nome.» — «Já te entendo, replicou o tirano, sem dúvida quererias tu que te mandasse cortar a cabeça.» — «Nada menos, respondeu Tarac, todo o contrário; antes bem me darás o maior gosto em prolongar o combate para que seja mais gloriosa a coroa.» — «Serás servido, tornou Máximo, porque não creias que te hei de condenar a morrer de golpe; irás morrendo a pausas e por partes, de modo que regalarei as feras com o pouco que ficar de teu corpo. Sem dúvida esperarás que depois de morto virão umas boas mulheres e o embalsamarão; mas eu darei providência.» — «Vivo e morto, replicou o Santo, poderás fazer dele o que quiseres, esse é negócio que me dá muito pouca pena.» Mandou o tirano que lhe cortassem os lábios e lhe sajassem o rosto; feito isto, que com uma navalha lhe levantassem o pelego da cabeça e que debaixo lhe lançassem carvões acesos; que depois lhe aplicassem uma barra de ferro ardendo debaixo das axilas e lhe metessem outra igualmente penetrada de fogo pelo estômago; sem que em toda esta bárbara carnificina, que causava horror a todos os circunstantes, se escapasse ao santo Mártir nem o mais leve indeliberado movimento de impaciência.

Entraram também os santos Probo e Andrônico ao terceiro interrogatório e, pouco mais ou menos, sofreram os mesmos tormentos, triunfando neles a fé com nova intrepidez e com nova generosa constância. Fez o tirano pendurar São Probo pés para cima e cabeça para baixo; mandou aplicar-lhe aos costados barras de ferro ardendo e taladrar-lhe mãos e pés com agulhas acesas, rendendo o santo Mártir mil graças ao Senhor porque aquelas sangrentas chagas lhe traziam à memória as que Jesus Cristo havia padecido por ele. Não foi atormentado Andrônico com inferior crueldade; e porque em todos os tormentos não cessava de bendizer ao Senhor, mandou Máximo que lhe taraceassem os lábios, que lhe arrancassem os dentes e que lhe cortassem a língua. Deu depois ordem de que assim os dentes como a língua fossem arrojados no fogo até que se fizessem cinza e que esta cinza se espargisse ao vento, «para que não venham depois os supersticiosos Cristãos, acrescentou, a recolher estes infames despojos para conservá-los depois como preciosas relíquias». Tão comum era já então a persuasão de que os fiéis veneravam os santos Mártires, honrando com devoto respeito tudo quanto lhes havia pertencido.

Ao sair da audiência mandou o Governador publicar que no dia seguinte havia combate de feras e de gladiadores, cuja voz atraiu o gentio de todo o contorno. Como os santos Mártires não se

podiam mover por si mesmos, foram conduzidos em ombros alheios e colocados em meio do circo. Logo que entrou Máximo no anfiteatro, mandou que soltassem de uma vez muitas feras contra eles, mas nem uma só os tocou. Bramando de raiva e de furor o tirano, deu ordem de que lhes lançassem as mais ferozes e as mais famintas. Abriram a jaula a uma ferocíssima ursa, que saiu ao circo respirando sanha e parecia que ia fazê-los pedaços a todos; mas quando esteve à distância de dois passos dos Mártires, parou de repente, deu duas ou três voltas ao redor deles baixando como por respeito a cabeça, encaminhou-se aonde estava Andrônico e, lançando-se a seus pés, começou a lamber-lhe brandamente as feridas. Ressoaram em todo o anfiteatro estrondosos gritos de aplauso e de admiração; tanto que, não podendo Máximo dissimular nem sua confusão nem seu enojo, mandou que matassem a fera aos pés do mesmo Santo. Saiu, enfim, uma leoa, que com seus espantosos rugidos encheu de medo e de terror a todos os circunstantes; pareceu a todos que viam já o instante em que os Mártires iam ser sangrento e miúdo destroço de suas garras; mas ficaram atônitos e embargada a voz com o assombro quando viram que a fera, esquecida de sua ferocidade e de sua fome, depois de parar um pouco a olhar os três campeões com aprazibilidade e com sossego, foi prostrar-se brandamente aos pés de São Tarac, baixando a cabeça como em sinal de quanto o respeitava. Já não pôde o circo reprimir os alaridos a que o fez prorromper a admiração daquele prodígio; mas o tirano, mais fero que a fera mesma, mandou irritá-la para que entrasse em furor. Conseguiu-o; mas foi para fazer pedaços os que a irritavam: o que visto pelo Governador, deu ordem para que prontamente a encerrassem na jaula; e receando algum motim popular, ordenou aos gladiadores que matassem os Santos; os quais, levantando os olhos ao céu e suplicando ao Senhor que se dignasse aceitar o sacrifício de sua vida, consumaram pela espada seu glorioso martírio no dia 11 de outubro.

Retirou-se Máximo, deixando um corpo de guarda de dez soldados para que os Cristãos não se apoderassem dos santos corpos; mas estes, que haviam sido testemunhas de tudo desde o lugar onde estavam escondidos, pediram fervorosamente ao Senhor que lhes facilitasse meio para lograr a posse daquelas santas relíquias. Imediatamente foi ouvida sua oração; porque no mesmo ponto se levantou uma horrível tempestade, acompanhada de um furioso terremoto, que pôs os guardas em precipitada fuga. Mas como era de noite e muito de intento haviam deixado misturados e confundidos os corpos dos três Mártires entre os gladiadores e gentios que foram despedaçados, acharam os fiéis com este novo embaraço e, para sair dele, recorreram segunda vez à oração. Foi tão eficaz como a primeira; porque de repente viram desprender-se do céu um brilhante globo de luz em figura de estrela, que sucessivamente se foi colocando e como descansando sobre os três santos corpos: do que dão testemunho os mesmos Cristãos nas atas que imediatamente dispuseram; e guiados da mesma luz, conduziram-nos a um monte, onde os enterraram na concavidade de um penhasco, oportunamente aberto para servir-lhes de sepultura, e fecharam bem a entrada, muito persuadidos das diligências e pesquisas que faria o Governador para descobrir os santos corpos. Com efeito, por três dias inteiros os fez buscar com esquisitas diligências e condenou à morte os guardas por haverem-nos deixado roubar. Logo que o tirano se ausentou, começaram os Cristãos a tributar pública veneração a sua memória; e foi tanta sua destreza que lograram tirar da mesma secretaria do governo os autos originais de seus três interrogatórios, aos quais acrescentaram tudo o sucedido depois do último, e estas atas as comunicaram aos cristãos de Icônio, da Pisídia, da Panfília e a toda a Igreja do Oriente.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos Tarac, Probo e Andrônico, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos concedis sanctorum martyrum tuorum Taracii, Probi et Andronici natalitia colere: da nobis in æterna beatitudine de eorum societate gaudere. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que nos fazeis o favor de celebrar o nascimento ao céu dos santos mártires Tarac, Probo e Andrônico, fazei-nos também o de gozarmos em sua companhia da eterna bem-aventurança. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 10 da de São Paulo aos Hebreus.

Hebreus 10,32-38

> **Latim:** 32 Rememoramini autem pristinos dies, in quibus illuminati, magnum certamen sustinuistis passionum : 33 et in altero quidem opprobriis et tribulationibus spectaculum facti : in altero autem socii taliter conversantium effecti. 34 Nam et vinctis compassi estis, et rapinam bonorum vestrorum cum gaudio suscepistis, cognoscentes vos habere meliorem et manentem substantiam. 35 Nolite itaque amittere confidentiam vestram, quæ magnam habet remunerationem. 36 Patientia enim vobis necessaria est : ut voluntatem Dei facientes, reportetis promissionem. 37 Adhuc enim modicum aliquantulum, qui venturus est, veniet, et non tardabit. 38 Justus autem meus ex fide vivit : quod si subtraxerit se, non placebit animæ meæ.

Português: 32 Trazei pois á memoria os dias primeiros, em que depois de haverdes sido illuminados, soffrestes grande combate de trabalhos: 33 pois por huma parte com opprobrios, e tribulações fostes na verdade feitos hum espectaculo: e por outra fostes feitos companheiros dos que se achavão no mesmo estado. 34 Porque não só vos compadecestes dos encarcerados, mas levastes com contentamento, que vos roubassem as vossas fazendas, conhecendo que tendes patrimonio mais excelente, e durável. 35 Não queiraís pois perder a vossa confiança, que tem hum crescido galardão. 36 Porque vos he necessaria a paciencia: para que fazendo a vontade de Deos, alcanceis a promessa. 37 Porque ainda dentro d’hum poucochinho de tempo, o que ha de vir, virá,

e não tardará. [38] Mas o meu justo vive da fé: porém se elle se apartar, não agradará á minha alma.

Reflexões

O tempo que resta é curto e muito curto. Virá o que há de vir e não tardará. Poucas verdades há em nossa Religião de que geralmente estejam todos mais convencidos que desta. O tempo desta vida é breve: mal começa a correr quando chega a seu termo. A vida mais dilatada passa com a maior rapidez: aos oitenta anos de idade considera-se toda a série dos dias vividos como um precipitado arroio que, a poucas horas que cesse de chover, deixa em seco o leito, depois de fazer muito ruído. Na hora da morte representa-se como um sonho a mais avançada idade: todo o mundo discorre assim e fala assim; mas que efeito produz este universal convencimento? Aproveita-se ao menos este brevíssimo tempo? Procura-se beneficiar este punhado de dias que se nos escapam? Ah! que todo o estudo se dedica a malograr este tempo. Tem-se um pleito; que diligências não se fazem quando se aproxima o tempo de votá-lo! Que cuidado em informar bem os juízes! Que desvelos para pôr os autos em bom estado! Que solicitude em granjear as vontades de todos os que nos podem fazer dano! Dentro de três dias se há de votar meu pleito; pois privo-me de todas as diversões, nego-me a todos os convites, arrimo a um lado todo outro negócio. Todos admitem por legítima esta escusa e todos teriam por um homem imprudente, néscio, louco, insensato a quem não o fizesse assim. O tempo da vida é breve; o que nos resta deste tempo o é muito mais: o supremo Juiz não pode tardar; cada dia estamos em vésperas de que se sentencie nosso pleito, e o negócio certamente é de consequência. Trata-se de nada menos que de nossa eterna bem-aventurança ou de nossa eterna desdita. A sentença é sem apelação, é irrevogável; e com tudo isso não pensamos mais em dispor favoráveis os autos que se não nos tocasse este negócio. Pergunto: poderíamos viver mais tranquilos nem mais serenos se tivéssemos revelação de que havíamos de viver oitenta anos? Assusta-nos, sobressalta-nos a menor enfermidade; mas quem nos assegura na mais robusta saúde? É artigo de fé que a morte nos há de apanhar quando menos o pensemos: nunca se pensa em morrer senão ao mesmo tempo que se morre. Que coisa será extravagância e que coisa será insensatez, se não o é a falsa segurança que se tem neste ponto? Mas já, se esta loucura, reconhecida por tal de todos os prudentes, servisse ao menos de desculpa; mas quando gozou este privilégio? Coisa estranha! Vai-se aproximando a vida aos oitenta anos; conhece-se que as forças diminuem; a máquina se descompõe: as dores, os achaques, as enfermidades, a pesadez, a debilidade, tudo nos anuncia a sepultura; tudo nos previne que se vai aproximando o Juiz; e com tudo isso esses velhos meio podres, em lugar de pensar na morte, só pensam em viver. Toda a sua aplicação, todos os seus desvelos, todo o seu estudo é buscar remédios para prolongar a vida e para persuadir-se a si mesmos que todavia estão muito distantes da morte. Todo cristão cordato, por moço que seja, deve considerar cada dia como se fosse o último de sua vida, aproveitando o dia de hoje como se não houvesse de chegar a amanhã. E será prudência num homem de avançada idade, num ancião achacoso, não preparar-se cada dia para morrer, mas pensar unicamente no modo de alargar a vida! Bom Deus! Quanto se opõe esta conduta, não só à Religião, mas ao bom juízo!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 24 de São Mateus.

Mateus 24,3-13

> **Latim:** 3 Sedente autem eo super montem Oliveti, accesserunt ad eum discipuli secreto, dicentes : Dic nobis, quando hæc erunt ? et quod signum adventus tui, et consummationis sæculi ? 4 Et respondens Jesus, dixit eis : Videte ne quis vos seducat : 5 multi enim venient in nomine meo, dicentes : Ego sum Christus : et multos seducent. 6 Audituri enim estis prælia, et opiniones præliorum. Videte ne turbemini : oportet enim hæc fieri, sed nondum est finis : 7 consurget enim gens in gentem, et regnum in regnum, et erunt pestilentiæ, et fames, et terræmotus per loca : 8 hæc autem omnia initia sunt dolorum. 9 Tunc tradent vos in tribulationem, et occident vos : et eritis odio omnibus gentibus propter nomen meum. 10 Et tunc scandalizabuntur multi, et invicem tradent, et odio habebunt invicem. 11 Et multi pseudoprophetæ surgent, et seducent multos. 12 Et quoniam abundavit iniquitas, refrigescet caritas multorum : 13 qui autem perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.

Português: 3 E estando elle assentado no monte das Oliveiras, se chegárao á elle seus discípulos á puridade, perguntando-lhe: Dize-nos, quando succe derão estas cousas? e que sinal haverá da tua vinda, e da consummação do século? 4 E respondendo Jesus, lhes disse: Vede não vos engane algum: 5 porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Christo : e enganarão a muitos. 6 Haveis pois de ouvir guerras, e rumores de guerras. Olhai não vos turbeis : porque importa que assim aconteça, mas não he este ainda o fim. 7 Porque se levantarão nação contra nação, e reino contra reino, e haverá pestilencias, e fomes, e terremotos em diversos lugares. 8 E todas estas cousas são princípios das dores. 9 Então vos entregaráo á tribulação, e vos matarão: e sereis aborrecidos de todas as gentes por causa do meu nome. 10 E muitos então serão escandalizados, e se entregaráo de parte a parte, e se aborrecerão huns aos outros. 11 E levantar-se-hão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos. 12 E por quanto multiplicar-se-ha a iniquidade, se resfriará a caridade de muitos: 13 mas o que perseverar até o fim, esse será salvo.

Meditação

Das muitas coisas falsas que há no mundo

Primeiro ponto

Considera que o mundo está cheio de falsas ideias que ocupam, de falsos brilhos que enganam, de falsas apreensões que alucinam, de falsos princípios que deslumbram, de falsas máximas que pervertem e tudo transtornam. Falsos bens, falsas honras, falsos deleites, falsos gostos, falsa liberdade, falsa paz e felicidade quimérica. Esses aparentes ditosos do século não são mais que ditosos de teatro. É o mundo uma perpétua comédia, e cada um representa nela seu papel o melhor que pode: o que melhor o representa é o mais aplaudido; mas se o rei, se o soberano, se o conquistador não tiram outro proveito que os aplausos dos concorrentes, são muito dignos de compaixão. Representem em boa hora o papel de príncipe, de herói, de conquistador; mas ao cabo só são personagens de teatro. Que bem que o representaram! Que belamente o fizeram! A isto se reduz tudo; acabou-se a comédia e já nada são do que então pareciam. Bom Deus! Pode haver mais falsa felicidade? Bem se pode dizer que o falso é o mais comum; e se é lícito falar assim, o falso é o mais verdadeiro que há no mundo. Em todos os seus estados e em todas as suas condições reina a simulação. Falsa amizade; porque vamos claros: entre tantas protestações, entre tantas demonstrações de amizade, onde há coisa mais rara no mundo que uma amizade verdadeira? Falsa alegria; que semblante tão risonho nos apresenta! Todo ele parece semeado de flores; não se fala de outra coisa que de gostos e de passatempos; mas debaixo daquela preciosa gala, debaixo daquele pomposo e rico vestido, que mortais cuidados não se encobrem! Que amargos prantos em segredo! Que suspiros, que tristeza! Não, não nos venham os mundanos a ostentar tanto seu estado, suas terras, suas posses, suas rendas, seus empregos, nem os regalos de sua esplêndida mesa; seus pratos estão todos temperados com muito fel, esta é sua ordinária salsa: nascem as cruzes no mesmo trono e por todas as partes está derramada a amargura. Procura-se, é verdade (e este é o estudo mais universal e mais ordinário das gentes do mundo), procura-se adormecer os cuidados, os pesares e os desgostos com o ruído e com o bulício das diversões e das festas públicas; mas Deus meu! Estará um menos aflito porque saiba ser mais dissimulado? O espírito do mundo é um tirano que a ninguém perdoa: todos os que estão sujeitos a ele são seus escravos. Não lhes é lícito nem sequer queixar-se de seus maus-tratos. Todas as suas máximas são duras, todas falsas. É mister reprimir-se, vencer-se, fazer-se muita violência para seguir suas extravagâncias e seus caprichos. Que não custa andar em tudo à moda? Por irracional, por extravagante que seja o gosto do mundo, é preciso louvá-lo e conformar-se com ele. Mas e que se ganha sujeitando-se servilmente a suas máximas? Uma vida miserável, perpétuas inquietudes, eternas comichões, remorsos sem termo e, por cúmulo, ser desditosos sem fim. Busca-me uma máxima do mundo que não seja falsa: busca-me nele um gosto que seja puro, que seja sólido, que seja verdadeiro; busca-me um bem que satisfaça, que encha o coração inteiramente; busca-me uma diversão, uma festa, uma função, segundo o espírito do mundo, que não esteja misturada de alguma amargura e que não deixe cravada na alma alguma espinha. Assim, meu Deus, quis vossa bondade pôr-nos desgostos em todas as coisas do mundo: ditosos aqueles que sabem encontrar o verdadeiro bem. Em Vós só, Deus meu, se acha a verdadeira felicidade.

Segundo ponto

Considera que só no serviço de Deus se encontra o verdadeiro. Verdadeiros bens, verdadeira alegria, verdadeira paz, gostos puros, sólidos e permanentes, verdadeira felicidade, verdadeiras máximas e verdadeiros princípios. Faça em boa hora o mundo pomposa ostentação de suas leis e de suas máximas; preconizem-nas em boa hora com artificiosa eloquência seus parciais, ou, por

melhor dizer, seus miseráveis escravos. Todas as suas máximas são falsas: só servem para fazer infelizes os que se conformam com elas. A sabedoria, a verdade e a felicidade do mundo acha-se toda precisa e unicamente nas máximas do Evangelho. Não há outro modo de ser felizes que seguindo-as. Se há na terra paz doce, consolo pleno, alegria pura e gosto esquisito, só pode encontrar-se no serviço de Deus e no coração de seus verdadeiros servos. Por mais que gritem o contrário os partidários do mundo; por mais que apelem àquelas enganosas exterioridades, àquelas afetadas simulações, àqueles seus risonhos encontros, àquelas suas artificiosas alegrias; por mais que nos oponham aquele espírito de retiro, aquele amor da cruz, aquelas mortificações, aquelas penitências que se apresentam desde logo a todos os que servem a Deus e que constituem o caráter das pessoas virtuosas; eternamente será verdade que no mundo não há coisa sólida, que tudo é falso, que os maiores panegiristas dos gostos do mundo conhecem à hora da morte que se enganaram na eleição, ao mesmo tempo que os Santos exclamam naquela hora: «Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os humildes, porque eles serão exaltados»; bem-aventurados os que viveram uma vida pura, mortificada, esquecidos e desprezados do mundo, porque serão cumulados de bens eternos e o mesmo Deus será sua recompensa.

Ah Senhor! Quando há de chegar o tempo de que não zombem de mim as ilusões do mundo e de que tome o único caminho que guia direito à suprema felicidade!

Jaculatórias

Vaidade das vaidades, e tudo quanto há no mundo é vaidade. (Ecl 1.)

Tudo quanto há neste mundo é mera aparência que logo se desvanece. (1Cor 7.)

Propósitos

1. É coisa estranha que, sendo o mundo um embusteiro, ainda em boca dos que mais cegamente se entregam a ele; sendo um amo duro, ingrato e sem piedade, ainda por confissão dos mesmos que o servem com maior empenho; não havendo sequer um que não se queixe da pesadez de seu jugo, da tirania de suas leis, da extravagância de seu serviço; nenhum que não grite contra sua injustiça, contra o mal que o tem tratado, fazendo-o sempre trabalhar, sem chegar jamais ao prêmio; porque, na verdade, com que pode premiar o mundo aos que mais o servem, nem que coisa lhes pode dar que não se acabe com a vida? Queixam-se todos de que o mundo é injusto; chamam-no embusteiro, falso, tirano; e contudo os que mais levantam o grito contra ele nem por isso deixam de ser cada dia seu joguete. Aproveita-te tu da imprudência e até da irracionalidade de tantos outros; e conhecendo tanta falsidade como há no mundo, «emulai os melhores carismas», busca o verdadeiro; e como somente o encontrarás no serviço de Deus, dedica-te para sempre a seu serviço. Mantém-te em boa hora dentro do mundo, se Deus te quer dentro dele, se estás ligado a ele por tua condição e por teu estado; mas reconhecendo a falsa brilhantez de todos

os seus gostos e de todas as suas honras; experimentando a insubstancialidade de todos os seus bens, entrega teu coração ao sólido, ao único verdadeiro bem, que é Deus.

2. Suposto o justo conceito que tens feito de que o mundo está cheio de falsidade, fala sempre de suas coisas ajustado a esta mesma ideia. Não faças caso nem de seus bens nem de suas prosperidades, senão enquanto te possam servir para merecer os bens do céu. Se se fala da fortuna, dos empregos, do favor de alguma pessoa do mundo, considera quão falaz é aquela aparente fortuna e fala dela neste mesmo conceito. Pelo contrário: sucede algum revés, alguma perda, alguma desgraça a este ou àquele que estavam entronizados: moraliza e filosofa no mesmo tom. Nunca percas ocasião de persuadir a teus filhos, a teus amigos e a tua família o pouco que há que fiar em todas as grandezas do mundo; quão frágil, quão caduco e quão falso é tudo o que há nele.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:31 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:31 by Admin